

## EDITORIAL

Segundo Rubens Ricciardi, “A viola caipira é um instrumento de forte tradição no acompanhamento do canto no Brasil desde os tempos coloniais. Outras referências comprovam este fato. Num contexto que remonta às visitas eclesiais, a historiadora Laura de Mello e Souza (\*1953) narra um episódio ocorrido em 1733 e descrito num livro de devassas católicas”:

Fernando Lopes de Carvalho, morador na rua Direita da Vila de São João del Rei, foi incriminado não apenas por freqüentar de dia e de noite a casa de uma mulata que vivia “sobre si”, mas porque se demorava na casa da amada “pondo-se ele a tocar viola e ela a cantar à porta em alta voz, não só inquietando a vizinhança mas causando escândalo”... (SOUZA, 1990, p. 161, apud RICCIARDI, 2000).

Ricciardi continua esclarecendo que

O viver “sobre si”, sobre seu próprio corpo, de modo algum impedia que a referida mulata cantasse e seu amado a acompanhasse com a viola caipira. E o tal escândalo, no período colonial, poderia ser definido por qualquer canto pouco católico, tal como visto pelos padres visitantes (então o braço estendido da Inquisição). Mas o brasileiro desde sempre gostou de se entreter com música. Ainda mais naqueles bons tempos, nos quais não havia indústria da cultura nem reprodução mecânica do som, quando tudo se inventava por conta de uma poiesis e de uma práxis espontânea. Os mineiros tocavam e cantavam livremente sem imitar os padrões impostos por sistemas ideológicos nem reproduzi-los. Uma vida sem alto-falantes! Neste sentido, podemos falar dos classificados do ouro, pelo bom gosto artístico que predominava nas Minas. E não é de se espantar que os mesmos músicos atuassem na música sacra, na ópera, na música militar e ainda cantavam modinhas com viola caipira - toda esta pluralidade de harmonias jamais se deu num processo excludente (texto de divulgação do VII EMRP).

Nos dias 19, 21 e 21 de outubro de 2016, o Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – que foi o primeiro departamento no Brasil a instituir o bacharelado em viola caipira no ensino superior, em 2002 – abriu, com apoio da FAPESP, um amplo e diversificado espaço para discussão e trocas de experiências e informações sobre a teoria e a prática da viola caipira, assumindo assim sua vocação para o papel de “capital” da cultura caipira do oeste paulista e buscou levantar questões que se situam entre o saber universal protagonizado pela universidade e o saber regional, e de como esses saberes podem e devem dialogar. Como diz Hartke (1985),

A própria palavra ‘universidade’ vem do latim ‘universitas’, levando consigo todas suas conotações de universalidade, como pretendiam os estudiosos medievais que criaram as primeiras escolas designadas deste modo. Concentrando em um centro urbano professores e alunos vindos não somente da cidade e seus arredores mas também de províncias e países longínquos, a universidade medieval, na sua forma ideal, procurava formar um microcosmo representativo da sabedoria de todo o mundo conhecido. No fundo a universidade brasileira é baseada neste modelo, “mas várias outras estruturas educacionais constroem sua universalidade.

(...) O desenvolvimento da pesquisa musical no Brasil sofre por sua vez de ‘provincianismo’. Os poucos musicólogos treinados trabalham principalmente isolados, já que há pouca ligação de uma universidade com outras. Apesar de existir um trabalho importantíssimo sendo realizado no país, o espírito de cooperação entre estudiosos deixa muito a desejar. O ensino moderno de musicologia é um tipo de aprendizagem, suplementado por divulgação regular dos resultados de pesquisa através de reuniões, conferências e publicação de revistas. A prática, que se encontra muitas vezes no Brasil, de guardar ciosamente uma área de pesquisa ou seus resultados é contraprodutiva e alheia ao propósito da educação universitária.

Foram realizadas três mesas-redondas sobre temas relevantes como “Folclore, cultura e arte: o local, o regional e o universal”; Orquestra de violas – cujo termo “Filarmônica de Violas” foi unanimidade para designar essas formações, já que o termo “Orquestra” já está impregnado

de conotação europeia –; e finalmente as questões relacionadas com o ensino e a escritura do instrumento. Além das mesas-redondas, o Prof. Dr. Ivan Vilela (USP) ministrou uma masterclasse intitulada “Dez cordas, ao invés de cinco pares, na confecção de contrapontos”. Foram recebidas 18 propostas de comunicações, enviadas ao comitê científico no formato de resumos. Os textos definitivos foram submetidos diretamente à esta Revista da Tulha e novamente passaram pela avaliação por pares em sistema de duplo-cego através do OJS.

Houve durante o VII EMRP a participação de um significativo número de pós-graduados (DO e ME), graduandos, professores em geral da rede pública e privada e profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

A Comissão Organizadora foi composta pelos professores Gustavo Silveira Costa (FFCLRP-USP), José Gustavo Julião de Camargo (FFCLRP-USP), Lucas Eduardo da Silva Galon, (USP/UNAERP), Luís Alberto Garcia Cipriano (FFCLRP-USP), Marcos Câmara de Castro (FFCLRP-USP), Rubens Russomanno Ricciardi (FFCLRP-USP) e a Comissão Científica foi formada pelos professores Dorothea Hofmann (Hochschule für Musik und Theater München, Alemanha), Gustavo Silveira Costa (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto), Ivan Vilela (ECA/USP São Paulo), Jorge Antunes (UNB, Brasília), Livio Tragtenberg (Editora Perspectiva, São Paulo), Lucas Eduardo da Silva Galon (UNAERP, Ribeirão Preto), Marcos Câmara de Castro (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto), presidente da comissão, Rubens Russomanno Ricciardi (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto) e Stephen Hartke (Oberlin College and Conservatory of Music, EUA).

O VII EMRP teve também concertos e recitais que abrilhantaram o evento, no auditório da Faculdade de Direito da USP-RP e na Sala de Concertos da Tulha, com as participações das Classes de Canto Coral II e IV do DM-FFCLRP-USP sob a direção do Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro, acompanhadas pelo Maestro José Gustavo Julião de Camargo (viola) e dos violeiros convidados: Bruno Sanches, Domingos Morais, Gisela Nogueira, Ivan Vilela, João Paulo Amaral, José Gustavo Julião de Camargo, Marcus Ferrer, Max Sales, Sidnei Oliveira.

Os palestrantes convidados foram: Domingos Morais (Universidade Nova de Lisboa), Gisela Nogueira (Universidade Estadual Paulista), Ivan Vilela (Universidade de São Paulo), João Paulo Amaral (Faculdade Cantareira), Marcus Ferrer (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Rubens Ricciardi (Universidade de São Paulo).

Neste Vol. II, n. 1, são publicadas as conferências de Domingos Morais, Gisela Nogueira e João Paulo Amaral, além de algumas comunicações que foram submetidas à RT, pelo sistema de submissão tradicional, com avaliação cega por pares.

Domingos Morais mostra como a música e os instrumentos musicais populares portugueses, tais como os conhecemos hoje, são resultantes de um longo processo “em que múltiplos contributos e influências aconteceram”, demonstrando fazer sentido o que por vezes parece desconexo, e contam histórias de viagens e perseguições. Morais também discute como se forma o sentimento de pertença de maneira consciente.

Eliana Monteiro da Silva analisa a *Missa Caiçara* da compositora brasileira Kilza Setti, enfocando sua escolha de incluir a viola caipira entre os instrumentos frequentemente utilizados neste gênero musical, e também são discutidos “alguns aspectos objetivos e subjetivos do processo composicional da obra”.

Max Sales reflete sobre as experiências proporcionadas pela atividade dos músicos com as atividades da Orquestra Pingo D’Água, dos alunos do curso de viola caipira de São João Del-Rei (MG), e de como o aprendizado musical é potencializado.

Luiz Antônio Guerra debruça o olhar sobre a tradição e a modernidade nas orquestras de violeiros, analisando faixas etárias, escolaridade, sexo, formação musical, origens e contextos sociais, transmissão das técnicas de viola, como forma de manutenção da cultura e dos valores caipiras e apresenta um panorama dessas agrupações musicais no Brasil.

Rafael Marin analisa a viola caipira na Festa de Santo Reis em Alfenas (MG), num contexto em que “os foliões destes grupos tradicionais possuem com a chamada música caipira tradicional de raiz e sertaneja”, resultando “numa interessante sobreposição de estilos e práticas”. Marin revela também o diálogo entre o regionalismo da festividade e o universalismo do sagrado.

Leandro Marinho estuda a viola caipira como instrumento musicalizador através de uma investigação etnográfica das aulas de viola caipira na Escola Municipal de Emboabas, na zona rural de

São João del-Rei (MG), à luz de “alguns pensamentos de Hans-joachim Koellreutter”.

Gisela Nogueira discute a notação do gesto e o aprendizado não formal da viola cujo aprendizado “foi historicamente associado às camadas privilegiadas da sociedade”, mas que são apenas parte da produção sobre a qual a universidade brasileira ainda não se debruçou, “dado que a prática popular excede, em grande número, a das elites”. Esta notação reúne não só as notas musicais mas também a notação do gesto, através das Tablaturas, “cujos registros mais antigos datam do final do século XV”, e dos Alfabetos Musicais, utilizados nos séculos XVII e XVIII e que é ainda hoje utilizado no ensino informal das violas.

João Paulo Amaral fala sobre a trajetória do violeiro Tião Carreiro, analisa sua extensa discografia, e reflete em que medida “o artista utilizou as matrizes, os gêneros e as linguagens caipiras tradicionais”, e “de que forma os conciliou com outras tendências e gêneros relacionados aos interesses do mercado e da indústria fonográfica”.

Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro

Editor-chefe

HARTKE, Stephen. “Provincianismo universitário”. In Caderno de Música. São Paulo: ECA/USP, n. 14, 1985.

RICCIARDI, Rubens. MANUEL DIAS DE OLIVEIRA, Um compositor brasileiro dos tempos coloniais - partituras e documentos. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Olivier Toni. São Paulo: 2000.